

PREFÁCIO A UMA FILOSOFIA

1. Despertei para a filosofia com a ingenuidade de quantos para ela despertaram, do fundo de uma experiência religiosa profundamente vivida. Como tantos outros meninos, recebi uma formação religiosa tradicional e fui educado nos preceitos de uma rígida moral cristã. Mas, diferentemente de outros meninos, lembra-me ter levado extremamente a sério os dogmas da religião e os imperativos morais. Não tinha ainda dez anos e já lecionava o catecismo na escola paroquial. Quando a primeira crise religiosa se somou às outras crises que vêm com a adolescência, a uma fase passageira de descrença sucedeu, ao lado de uma fé renovada e fortalecida, um interesse profundo e continuado pelas coisas de Deus.

Dediquei-me então com afinco à leitura dos grandes místicos e dos tratados de teologia. Fiz no tomismo minha iniciação filosófica. Deus foi, durante muitos anos, o objeto único de minha reflexão e eu nela consumia horas a fio. Os pecados da adolescência me faziam sofrer porque maculavam a imagem de Deus em mim e dele me separavam. Toda essa experiência religiosa iria marcar-me de maneira indelével.

Deus era para mim, antes de tudo, a Verdade. A segurança da verdade possuída era o conforto e o deleite de minha inteligência. E eu amava minha racionalidade porque ela vinha do Criador, que me fizera à sua imagem e semelhança. Conhecer era conhecer Deus e a sua obra. As mesmas ciências, revelando-me o Mundo, proclamavam Sua glória, que o Mundo manifestava. A teologia racional me apaixonava porque nela eu encontrava a concordância profunda entre a razão e a fé.

Mas Deus era também Amor. O amor do Cristo aos homens era o modelo de meus sonhos generosos de adolescente. Deus amava os homens ao ponto de, para salvá-los, mandar o Filho à morte. A mensagem da caridade cristã me impregnava inteiramente e, odiando o pecado, eu compartilhava do amor divino aos pecadores. O cristianismo criou em mim a paixão pela Justiça. O drama da humanidade sofredora tocava-me de muito perto. A maldade do homem para com seus semelhantes, a exploração do homem pelo homem me apazavam como uma subversão da ordem desejada por Deus para a cidade dos homens.

Por outro lado, a visão cristã do Mundo não me fazia valorizar apenas a pessoa humana, mas a obra inteira da Criação. Não somente a experiência cotidiana da vida ganhava uma dramaticidade cósmica e uma significação infinita. Eu aprendia também a estimar as próprias coisas ordinárias, os pequenos e os grandes objetos que me circundavam, os fenômenos portentosos ou insignificantes do mundo físico como obras admiráveis da inteligência e do amor divino, que as sustentava na Realidade pelo mistério da Criação continuada. O cristianismo me transmitiu o senso do mundo comum da experiência, o apego à Realidade que o senso comum reconhece. Datam dessa época meus primeiros contatos com a filosofia idealista. Sua problemática me era radicalmente estranha, sua postura toda me deixava perplexo. Devo confessar que o idealismo, sob todas as suas múltiplas formas, me pareceu então — e ainda hoje me parece — uma curiosa perversão da razão humana.

A experiência religiosa também me propiciou uma consciência firme e inabalável da finitude humana. O homem era pó, que voltaria ao pó. Um abismo sem medida separava a pequenez humana da positividade infinita de Deus, que somente o Amor divino pudera transpor. A inteligência divina, não a humana, era a medida de todas as coisas. O enfraquecimento da razão pelo pecado original criara uma situação de fato, irreparável na vida terrena, mas que apenas viera agravar a nossa condição finita. A meditação dos mistérios divinos proporcionou à minha razão uma lição contínua de humildade.

Tantos anos passados após a perda da fé, percebo que aqueles valores ainda se me impõem com força tenaz e que a eles não renunciei. Continuo a ansiar pela Verdade, tenho a paixão da Humanidade, acredito firmemente na Realidade das coisas e eventos da experiência cotidiana e tenho uma consciência brutal da finitude de nossa razão. Reconhecendo a gênese dessa minha postura, nem por isso me sinto obrigado a abandoná-la. Nenhum argumento jamais encontrei que me persuadissem a fazê-lo.

A crise religiosa veio com o começo da idade adulta. Seus germes se desenvolveram sem que eu deles me apercebesse. O contato com a crítica racionalista da fé, a leitura de pensadores que não podiam aceitar se convertesse a filosofia em serva da teologia me obrigavam a um reexame minucioso e constante dos argumentos de que lançavam mão a metafísica cristã e a teologia racional. Meu primeiro interesse pela lógica data desse tempo. Procurei estudar cuidadosamente os mecanismos da demonstração e da prova, o alcance e os limites de nossa capacidade de demonstrar. Com efeito, minha formação tomista me ensinara a confiar, apesar de tudo, na capacidade da razão natural e a desprezar a irracionalidade do *credo quia absurdum*. Levei semanas e meses passando e repassando em revista, examinando

e tentando reformular e aperfeiçoar as argumentações que me haviam convencido, submetendo-as a uma crítica cerrada. Angustiava-me ir descobrindo que eram bem menos conclusivas do que eu supusera, para não dizer inconclusivas. Passei a temer a perda da fé, por força do exercício crítico da razão. Mas temia ainda mais a desonestidade intelectual para comigo mesmo. Recusava-me decididamente a permitir que a fé que professava tivesse qualquer influência no exame da evidência racional dos argumentos filosóficos. Minhas crenças religiosas tinham até então repousado sobre a certeza sincera de uma concordância natural entre a razão e a fé. E essa concordância era o que estava agora em questão. Vivi meses longos e angustiosos em meio a uma curiosa contradição: pedia diariamente a Deus que amparasse a minha fé, mas não aceitava que Ele o fizesse ao preço de uma desonestidade de minha inteligência. Foi uma experiência demorada e dolorosa da qual me restou, entretanto, o hábito salutar de submeter a uma análise rigorosa e a uma crítica impiedosa toda argumentação que me é proposta. Não me deixo persuadir facilmente.

Nessa época travei conhecimento com uma das formas mais falazes e desonestas de quantas lança mão o espírito dogmático para tentar desqualificar o exercício da razão crítica. Mais tarde viria muitas e muitas vezes a deparar-me de novo com ela, a serviço não mais de dogmatismos religiosos, mas de dogmatismos pretensamente filosóficos e, sobretudo, de dogmatismos políticos. Trata-se da falácia que consiste em “explicar” nossa não-aceitação dos dogmas e pretensas verdades que nos querem impor, mediante a alegação dos fatores que seriam responsáveis pelo obscurecimento e enfraquecimento de nosso espírito objetivo. Nossas dúvidas não seriam mais do que a expressão de nossa subjetividade deformada, nossa postura crítica traduziria apenas nossa incapacidade, aliás perfeitamente “compreensível” e “explicável” a partir de nossos condicionamentos, de obter uma visão correta dos fatos e de compreendê-los adequadamente. Com isso, o dogmatismo tenta subtrair-se a uma discussão crítica de seus argumentos e conclusões, graças a uma recusa e a uma desqualificação a priori de qualquer tentativa racional de pô-lo em questão.

Essa falácia me repugnava e ainda me repugna. Porque eu não podia, nem posso ainda, nem acredito que uma mente filosófica honestamente o possa, dissociar racionalidade e espírito crítico. A “explicação” de nossa postura crítica tem, também ela, de ser criticamente examinada e discutida; aliás, tais explicações são, via de regra, inteiramente solidárias com os dogmatismos a cujo serviço se põem. Pouco me interessava que “explicassem” minhas dúvidas sobre a fé, os motivos de minha progressiva descrença. Eu buscava uma solução racional de minhas dúvidas, não uma explicação delas; eu queria razões, não motivos. Sempre me pareceu razoavelmente fácil, a partir de um

dogmatismo que se conhece e de dentro dele, “explicar” todo desvio e descrença em relação a ele; mas, quando ele próprio se põe em xeque, tais “explicações” se tornam obviamente irrelevantes. Minhas experiências posteriores com os dogmatismos políticos viriam a ser sintomaticamente semelhantes. Não suportando que o espírito crítico se arrogue o direito de discutir e exigir razões de seus dogmas, desqualificam-no imediatamente como mera expressão de uma formação pessoal, de um contexto cultural, político ou econômico, de um interesse de grupo ou de classe social. É o procedimento a que sempre se recorre para tentar silenciar a racionalidade. Isso sempre pareceu-me — e isso ainda hoje me parece — uma odiosa perfídia intelectual.

Minha fé religiosa se perdeu porque sobrepuj a tudo o primado de minha razão crítica, como um imperativo de minha mesma racionalidade. E lembra-me bem o dia em que, só comigo mesmo, me confessei ateu. Particularmente sereno e tranquilo, descobri minha espantosa solidão. Minha mente percorria os espaços infinitos que nenhum deus mais habitava. Pensei na ínfima pequenez de nosso sistema solar perdido numa galáxia imensa, pensei no minúsculo planeta de que eu era um mísero habitante, apenas um entre centenas de milhões de homens. Considerei a grandiosidade do universo e pensei na vida e na morte. A minha vida e a minha morte me interessavam a mim e a muito poucos, a Realidade não precisava de mim nem me conhecia. Nenhum infinito me amparava. E eu me senti só com minha mente e meu corpo, em meio às coisas, mentes e corpos. Também uma enorme alegria me possuiu, por ter sido fiel a mim mesmo, por ter assumido a minha humanidade racional. Creio que, nesse dia, me tornei um Homem.

2. A partir daí, meu interesse se voltou exclusivamente para a filosofia. Tendo perdido a Verdade, eu queria de outro modo revê-la. Buscava novos parâmetros que substituíssem os que não pudera conservar. Queria conhecer o que pode conhecer a razão humana, descobrir os seus limites. Queria encontrar a minha resposta para as grandes questões que a filosofia secularmente se propusera. A filosofia veio ocupar o lugar que o abandono da religião deixara vago.

Dediquei-me, pois, com entusiasmo à leitura dos grandes filósofos. Procurei refazer, de dentro de seus sistemas, os movimentos de suas razões e os detalhes de seus percursos. Ainda hoje, acredito que esse é o melhor caminho para entender-se a filosofia e aprender-se a filosofar. Meu negócio era a filosofia; a história da filosofia, como tal, jamais me interessou. Nem me preocupei com conhecer muitas filosofias, mas com conhecer bem algumas delas. Sempre tive uma enorme desconfiança da erudição. Hoje ainda, não posso deixar de sorrir em meu íntimo quando vejo alguém exibir a riqueza de sua in-

formação “filosófica”. Muitos há, com efeito, que substituem a reflexão pessoal pela citação dos autores e que, ao invés de pensar, se contentam em recordar e comparar os pensamentos dos outros. É óbvio, para mim, que eles não têm parte com a filosofia.

Longos anos levou-me o estudo de alguns filósofos. Estudando-os, eu buscava apenas a Verdade. Querendo fazer-me filósofo, eu assumia a postura de um *philosophos* que ainda não chegou à *sophia*. Ainda não tendo efetuado uma opção filosófica, buscava elementos para fundamentar uma opção que se impusesse. A filosofia se me oferecia como uma pluralidade de filosofias e eu me pus em face delas como um espectador neutro e interessado. Um espectador perplexo diante dessa “pluralidade de sistemas, concepções e atitudes que se sucedem no tempo histórico com diferentes graus e matizes de interpenetração, sem nenhuma unidade de método ou de temática e sem outro liame além de uma generalidade comum de intenção, conceitualmente indeterminável, e da comum pretensão, fundamentada em análoga confiança nos discursos de que se servem e na razão que os ordena, de corresponder de modo exclusivo e pertinente à significação, definida cada vez como unívoca, do nome comum que as designa” (1). Compreendi que essa mesma pretensão comum levava necessariamente as filosofias ao anátema e à exclusão recíproca, pertencendo a cada filosofia o dever impor-se como a única e verdadeira Filosofia. Apresentar-se como a única e verdadeira solução dos problemas do ser ou do conhecer, a edição nova e definitiva do Logos filosófico. Donde ser-lhe essencial uma postura polêmica, que a fazia situar-se em relação às outras e abordá-las criticamente. “Inventando” seu universo próprio, cada uma se instaurava como negação e recusa inexorável das demais, condenadas a uma radical desqualificação. E essa tematização crítica era levada a efeito pela “redução” delas às razões próprias à filosofia que as criticava e às dimensões do universo instaurado pelo seu discurso próprio, mediante uma reinterpretação conveniente das linguagens em que as outras se exprimiam.

Espectador crítico do conflito secular e sempre renascente que desde os começos opunha as filosofias umas às outras, o aprendiz de filósofo compreendeu que uma solução filosófica para o conflito somente poderia surgir de uma opção filosófica particular, seja pela adesão a alguma dentre as filosofias existentes seja pela proposta de uma nova concepção. E toda opção, em verdade, se poria como uma decisão filosófica sobre o conflito. Pois, de um lado, todas as filosofias instauradas já o tinham, como por definição, resolvido, na medida em que sua mesma instauração necessariamente implicava, para cada uma

(1) Cf. Oswaldo Porchat Pereira, *O conflito das filosofias*, Revista Brasileira de Filosofia XIX, 73, 1969, p.6.

dentre elas, na desqualificação das outras, se não explicitamente efetuada, implicitamente ao menos sempre pressuposta. A partir de seus universos, a justificação da multiplicidade das filosofias rivais, com a descoberta e denúncia das fontes de seus “erros” e “incorreções”, podia levar-se a cabo sem maiores dificuldades, no interior do discurso instituído. Por outro lado, uma decisão sobre as filosofias e um julgamento crítico de suas teses e metodologias, sem adesão a nenhuma delas, se traduziria automaticamente em proposta de um novo discurso e instauração de uma nova forma filosófica a competir com elas; por isso mesmo, como elas condenada a fazer-se também objeto de polêmica e de contradição, a ser recusada, reinterpretada e “reduzida”, a fazer-se parte, em suma, do eterno conflito. Em outras palavras, a natureza particular do conflito das filosofias exigia que uma solução para ele somente se pudesse propor no interior de uma das partes conflitantes.

Não querendo aderir a-criticamente a qualquer concepção, eu buscava critérios válidos e objetivos para resolver as questões filosóficas e julgar das respostas que as filosofias lhes davam. Mas cada filosofia definia seus próprios critérios de validade e de objetividade, solidários com o restante de seus enunciados e em harmonia com a estrutura de todo o edifício. Todas as questões que eu podia propor tinham, sob esta ou aquela forma, respostas coerentes em todas elas, umas com as outras também inconciliáveis, como o eram as próprias filosofias. Diverti-me muitas vezes, tentando eu próprio construir, de dentro duma das teorias filosóficas que conhecia, respostas adequadas e ainda não formuladas a objeções que se lhes podiam fazer. E encontrei que era sempre possível encontrar respostas razoáveis e coerentes. Cada crítica podia ser tratada pelo sistema a partir de seus próprios pressupostos, e convenientemente reduzida.

Essa coerência das grandes filosofias me seduzia. Coerência, aliás, que recebia definições diferentes em cada uma delas. Mas a justificação que cada uma propunha de seu próprio sistema não me pôde persuadir. Porque eu conhecia as razões das outras. E descobrira que nenhuma fundamentação era absoluta, nenhuma legitimação era definitiva. O que aqui era aceito como evidente e certo era ali rejeitado como enganoso e falaz. Que pretensas evidências e certas haviam jamais resistido ao embate das filosofias? Também eu, por isso mesmo, me descobria incapaz de fornecer uma justificação decisiva para minhas convicções pessoais, para os enunciados que, entretanto, me pareciam como justos e verdadeiros. E assim foi que cheguei à plena consciência do caráter não-demonstrativo do discurso filosófico. Em que pesassem as decididas pretensões em sentido contrário de tantos pensadores, tornou-se-me manifesto e irrecusável que as filosofias jamais poderiam pretender a algo mais que a uma argu-

mentação razoavelmente persuasiva, ainda que sistematicamente elaborada numa ordem consistente de razões. Capazes, em grau variável, de impor-se à aceitação de muitos espíritos, nenhuma delas jamais lograria a adesão do auditório universal. E não se tratava de uma mera impossibilidade de fato. Eu descobrira que, em sentido rigoroso, nunca há demonstração fora da lógica formal. Um outro modo de dizer que, em sentido pleno, não há lógica fora da lógica. Demorando-me longamente no estudo da sofística grega, pude apreender seu significado profundo, aprender sua lição aos filósofos de todos os tempos: a de que, em filosofia, tudo se pode provar. O que vale dizer que nada se prova verdadeiramente em filosofia.

Por isso mesmo, a pretensão dos grandes sistemas filosóficos a uma fundamentação definitiva de seus discursos, a uma posse legitimada da Verdade pareceu-me apenas testemunhar de sua religiosidade essencial e profunda, ainda que laicizada. Ainda que eventualmente conjugada com uma profissão de fé atéia ou agnóstica. Na sua pretensão oracular de editar o Logos eterno, apareceu-me que os filósofos continuavam a comungar da crença grega na divindade da razão especulativa. Sacerdotes leigos de Zeus e intérpretes do verbo divino, cada um deles proclamava a única e verdadeira Sabedoria, no desprezo do falso saber do homem comum e de suas opiniões mortais. E em cada um deles, assim, se consumava a filosofia. Libertado a duras penas dos dogmas da religião, a revelação dessa religiosidade filosófica deixou-me perturbado. E a *hybris* filosófica não pôde seduzir o *philosophos* que trilhava, em busca da Verdade, os caminhos da filosofia.

Se a fundamentação filosófica definitiva de qualquer visão do Mundo se revelava inviável, ao mesmo tempo parecia-me também manifesta a incompetência da não-filosofia para legitimar qualquer opção filosófica. Com efeito, ciência e senso comum são igualmente incapazes de pronunciar-se sobre questões filosóficas sem que *ipso facto* se promovam filosoficamente e se constituam como filosofia. Donde a recolocação automática do problema da fundamentação a evidenciar a circularidade do procedimento. Por outro lado, não me era menos evidente que essa promoção filosófica se pode fazer — e comumente se faz — segundo diferentes leituras filosóficas que efetuam uma integração coerente dos enunciados do senso comum e dos resultados da ciência nos diferentes sistemas e visões filosóficas do Mundo. E as filosofias tematizam criticamente o senso comum e a ciência, situando-os e julgando-os no interior de seus universos de discurso, a cujas dimensões os reduzem. O que implica em neutralizar toda e qualquer pretensão deles à exterioridade.

Foi natural, então, que o ceticismo grego tenha tentado o *philosophos* em aporia. Na leitura de Sexto Empírico, encontrei a ocasião de confirmar minha experiência do conflito insuperável dos dogma-

tismos, de sua perpétua *diaphonia*. Quem longamente meditou sobre as *Hipotiposes* não mais ousará cometer-se à edição do Discurso derradeiro. Mas a mera exposição do aparecer, do *phainómenon*, sempre me pareceu insatisfatória. E a crônica da vida comum não se faz desacompanhada de crenças, como os céticos pretenderam. Nunca pude compreender como lhes seria possível dizer sem assertar. Nem pude aceitar sua proposta filosófica de uma investigação continuada. Por que prosseguir na busca, quando nenhuma esperança se justifica e não mais se tem que a experiência repetida do fracasso? A *ataraxia* cética, eu fui incapaz de atingi-la.

Em meio a tão insondáveis aporias, os caminhos que julgava percorrer subitamente me pareceram não-caminhos. A filosofia, uma quimera. Recusando a religiosidade filosófica, nem mesmo me restou a possibilidade de demonstrar a validade dessa recusa. Por que um tal procedimento não se tornasse uma filosofia da recusa de filosofar.

Mas restava-me a possibilidade do silêncio. Desesperando da filosofia e de seus problemas, renunciei a buscar-lhes soluções. Abatido por um profundo desencanto, o temor me possuiu de que os discursos da filosofia não mais fossem que prodigiosos e sublimes jogos de palavras. Um brinquito dos filósofos com as palavras, do Logos com os filósofos. O feitiço que me prendera se quebrava, desfazia-se uma antiga servidão. E tomei, então, o partido do silêncio. Uma opção pragmática e existencial, fruto de uma angústia filosófica profunda. Uma decisão drástica que reconheci ser filosoficamente injustificável, mas que me pareceu justificavelmente não-filosófica. E como tal eu a assumi. Se não se pode falar, calar-se é imperativo. Mas isso tinha de ser dito no começo, não no fim. Se não se tem a escada, não se pode nela subir. Nem se podem jogar fora escadas que não existem. A metáfora da escada sempre me pareceu enganosa.

E foi assim que o *philosophos* se proclamou não-filósofo e disse um adeus nostálgico ao Logos em que durante tanto tempo se perdera. Foi quando a velha paixão pela lógica se reavivou em mim. As linguagens formais pareceu-me exibirem toda a perfeição de que a linguagem natural era essencialmente incapaz. Encontrei nos sistemas lógicos muitas das virtudes que eu buscara em vão nos discursos filosóficos. Mas eu tinha consciência do preço que pagava por essas virtudes e perfeições. Aquelas linguagens me apaixonavam enquanto não diziam nada sobre o Mundo.

Em verdade, nunca deixei de ler filosofia. Mas como uma literatura de estilo diferente, ao mesmo tempo sublime e perversa. As obras filosóficas pareciam-me agora admiráveis romances de idéias, cujas estranhas aventuras me enchiam de grande prazer. Mas eu deixara atrás a filosofia. Eu me tornara um homem comum.

3. Foi realmente uma experiência nova e, sob certos aspectos, fascinante. Passei a saborear a vida cotidiana, com suas alegrias e tristezas, com seus problemas grandes e pequenos. Eu sempre valorizara a experiência do cotidiano, as coisas e os eventos ordinários que nos circundam. Nunca aceitara por em dúvida, em xeque ou entre parênteses a realidade do Mundo que a nossa experiência imediata tem por objeto. Por o Mundo entre parênteses sempre me fora uma extraordinária figura de retórica, literalmente ininteligível. A renúncia à filosofia emprestou a meu apego às coisas ordinárias uma dimensão mais humana e mais vivida. Não mais substituindo a reflexão à Vida, a Vida agora possuía-me integralmente. E meus pensamentos todos se integraram nela, pondo fim a um mórbido dualismo, a um divórcio esquizofrênico entre o pensador e o homem. Amei minha vida com intensidade, amei o dia a dia. O Mundo tornou-se também o objeto de uma experiência estética consciente e profunda, antes desconhecida. Em meio às correrias de uma existência comum, o espetáculo de coisas e fatos sob outros prismas talvez insignificantes me propiciou frequentes vezes momentos estranhamente agradáveis. Sem categorias nem conceitos, era como se neles me fosse dado contemplar gostosamente os fatos e as coisas unicamente em sua Realidade e em seu darem-se a mim. Era como se eu assistisse em mim à vitória feliz do homem sobre os conceitos, da matéria sobre o espírito, da vida comum e dura sobre as sofisticções intelectuais. A vitória do espírito da carne... Essa vitória, eu celebrei-a com frequência e prazer. Homem comum, senti-me em terra firme. E prometi-me que a filosofia dela não mais me arrancaria os pés.

Tornara-me um homem como os outros, vivendo a vida comum dos homens. Redescobri plenamente o homem comum em mim, assumi plenamente o homem comum que era. Era como se se consumasse agora uma humanização havia tanto começada. Senti-me igual a todo o mundo. Não de uma igualdade abstrata, posta pela razão filosofante, mas de uma igualdade concreta e sentida. Nenhum sentimento de superioridade me animava, não mais via os outros do alto de uma torre fictícia de filósofo. Perdi-me deliberadamente no seio de sua multidão, enchia-me de gozo ser apenas um indivíduo no meio da multidão. E pareceu-me que viver a vida dos homens era o único meio para entender a Vida e os homens. Por isso mesmo, o distanciamento pretensamente crítico, a meditação solitária no ócio dos desertos filosóficos apareciam-me tão somente como matrizes de perspectivas viciosas que eu soubera em boa hora abandonar. Eu mergulhei no Mundo. A razão quisera dele separar-me, eu a vencera. Emoções e sentimentos vários, esperanças e temores, prazeres e sofrimentos, alegrias e frustrações, trabalhos e repousos, fases de tranquilidade e momentos de sobressalto, amores e ódios eram o conteúdo corriqueiro

de uma vida que decorria como a de qualquer um, mas que eu assumia com volúpia porque era tudo que eu tinha.

O saber dos homens comuns encantou-me. Suas opiniões mortais tinham a minha simpatia. E considerava com atenção e respeito suas crenças. Não me impedindo de crer com espontaneidade, eu compartilhava com eles muitas delas. Aceitava com eles a Realidade das coisas, dos objetos e eventos ordinários, crendo com eles que boa parte do que ocorre ocorre como se crê. Aceitando tranquilamente que as outras mentes se assemelham à minha. Acreditando com eles que a nossa vida, a nossa paixão e a nossa morte se dão num Mundo que nos transcende, numa Realidade que não depende de nosso pensamento ou de nossa vontade. Cria, sem envergonhar-me de crer, cria no sentido forte desse termo, sem adotar a atitude artificial de fingir que não se crê. E dava-me um grande conforto ter essas crenças de homem comum, sem os entraves da razão filosófica. Crer no que se me impunha, crer sem justificação outra. Sem buscar fundamentos para a crença, sem querer legitimá-la por uma teoria da intuição ou da evidência. E, como o comum dos homens, depusitei uma grande confiança no bom discurso comum e cotidiano, na sua capacidade de dizer muitas verdades.

Organizei minha visão do Mundo ao modo do homem comum, uma visão necessariamente incompleta, que o correr do tempo vinha aqui e ali modificar. Corrigia tais ou quais de minhas crenças, desfazia-me de opiniões que se revelavam errôneas, procurava resolver eventuais inconsistências que descobria, tal como procede a maioria dos homens. Não me faltava o espírito crítico, que o homem comum também possui, em dose maior ou mais pequena. Assimilava com serenidade os ensinamentos da experiência, comprovando humildemente minha falibilidade. Integrava a cultura que possuía em minha visão do Mundo. Igual ao comum dos homens, tinha respeito pela ciência, um respeito algo desconfiado.

Entretanto, minha postura em nada se assemelhava a uma promoção filosófica do senso comum, que alguns filósofos empreenderam. Não me era desconhecida a variação infinda do senso comum no espaço e no tempo, sua relatividade social e histórica. Por isso mesmo, muitas crenças comuns me eram inaceitáveis, porque nelas somente podia reconhecer os frutos da tradição e da cultura. Não se me impôs o comum por ser comum, por ser o objeto de um consenso mais ou menos extenso. Fazer-me homem comum significara, sobretudo, assumir uma postura radicalmente nova. Um deixar-me ir ao Mundo, como o faz o comum dos homens. Ou, dizendo melhor, um deixar o Mundo vir a mim, como vem aos homens que não lhe opõem a razão filosófica. Significara a recusa consciente e decidida a opor o discurso

filosófico ao discurso comum, como a um inimigo. E dar-me assim a permissão de crer o que se me impunha como verdadeiro e correto e justo e irrecusável, tal como se impõe ao comum dos homens. Deixar humildemente as coisas e os fatos dizerem-se em meu discurso, ou reconhecer que o discurso comum os diz com simplicidade. Significara reconhecer o primado do Mundo sobre o discurso, o primado da Vida sobre a reflexão. Assim como de fato procede a maioria dos homens. Eu quisera salvar minha alma de homem, eu a tinha perdido. A renúncia à filosofia fez-me reencontrá-la.

Desde então, passei a desprezar o intelectualismo com intensidade cada vez maior, porque ele confere um privilégio absurdo às especulações da razão sobre a experiência do Mundo, aos devaneios da reflexão abstrata sobre o bom senso e os ensinamentos da vida. Em verdade, ainda o desprezo. As complicações sutis das filosofias abstrusas pareceram-me um desperdício da inteligência. Seu linguajar estranho e esdrúxulo, uma perversão da linguagem. Sua divinização da razão, um mito infeliz. A soberba dos filósofos passou a irritar-me. Aborrecia-me especialmente seu menosprezo pela vida comum, pelo homem comum, pelo discurso comum. Porque não há outra vida de homem, não há outro homem, não há outro discurso competente. Donde a alienação intrínseca e irremediável de um grande número de filosofias. Cegas de não ver o Mundo em que os homens vivem, surdas de não ouvir o discurso que eles proferem, elas se perdem na verborragia ociosa e inútil de suas falas delirantes. E o gemido dos que sofrem nelas não encontra um eco. Tales observava os astros e, olhos no céu, acabou por cair num poço, provocando o riso de uma jovem trácia, que zombou de sua preocupação pelas coisas celestes, quando o que estava a seus pés lhe escapava (2). Os filósofos converteram Tales em pai da filosofia e, desde Platão, fizeram desse cômico incidente o símbolo da sublime altanaria do espírito filosófico, que se ergue acima das vicissitudes da vida e cuja profundidade escapa à compreensão do vulgo. Mas cabe da mesma fábula um outra interpretação. Cabe nela ver o prenúncio daquela trágica alienação que levou a filosofia ao esquecimento do Mundo. Passei a admirar a sabedoria da pequena trácia. Ela merece, ainda hoje, toda a minha simpatia.

Fazendo-me um homem comum, eu quisera recuperar sua ingenuidade. A ingenuidade que os filósofos lhe atribuem e que tão altivamente desdenham. Mas não a encontrei. Porque ela não passa de uma invenção engenhosa da malícia filosófica. Um mito conveniente à soberba da razão especulativa. O que se chamava de ingenuidade era tão somente a simplicidade humilde com que o homem comum re-

(2) Cf. Platão, *Teeteto* 174a.

conhece o Mundo e nele encontra o seu lugar. Os filósofos sorriam do homem comum, eu passei a sorrir dos filósofos. Tendo longamente jogado os jogos de suas filosofias, eu não lhes opunha, como a maioria, apenas uma desconfiança desarmada. Pois suas artimanhas me eram familiares, seus métodos me eram conhecidos. E eu pude descobrir a enorme ingenuidade da filosofia que recusa reconhecer o Mundo e a Vida. Mas também sua espantosa desumanidade. E sua carência de um real espírito crítico. A despeito de os filósofos terem pervertido os significados dessas mesmas palavras, assim como perverteram o vocabulário da racionalidade. Porque a racionalidade da razão se manifesta no reconhecimento de seu lugar próprio, não no culto narcísico de sua divindade imaginária. E eu me arrisco a dizer que a divinização da razão é tão somente a mais requintada dentre as formas que assume a irracionalidade. Por isso mesmo, não precisaria acrescentar que o irracionalismo confesso de alguns filósofos jamais me tentou. Porque sempre me foi evidente que eles incidiram na mesma lamentável confusão entre a racionalidade e a postura comum às diferentes formas do espírito racionalista, num sentido mais amplo desse termo. Porque julgaram corretamente dever opor-se a este, sentiram-se obrigados a condenar aquela. Mas racionalismo e irracionalismo são apenas as duas faces de uma mesma moeda.

E assim eu opunha criticamente à filosofia dos sábios a minha humilde não-filosofia. Veio a acontecer, entretanto, que eu assumi sobre a minha mesma postura uma outra perspectiva. Sou incapaz de dizer com exatidão quando essa decisiva inversão de ponto de vista se consumou. Minha visão do Mundo se me impunha como verdadeira e justa. E eu a achava razoável e aceitável aos olhos de outros. Mas também sabia impossível dela fornecer uma justificação definitiva e última. E nunca busquei o impossível. O discurso que a exprimisse jamais a imporia demonstrativamente à aceitação de quem quer que fosse. Por isso mesmo, eu insistia em considerá-la uma não-filosofia, uma visão criticamente não-filosófica do Mundo e das filosofias. Nisso com frequência meditando, um grande prazer me advinha de recordar o longo itinerário que definitivamente me afastara da *hybris* filosófica, levando-me para longe de suas tentações. Um dia então me ocorreu que, resistindo embora à *hybris*, eu dela também fora uma vítima, na minha mesma recusa de filosofar. E que, em verdade, eu o era ainda, na mesma modéstia injustificável e excessiva daquela apelação negativa com que designava minha visão das coisas e dos fatos.

Porque subitamente descobri que eu não desesperara senão por ter esperado em demasia. Renunciando ao sonho impossível das legitimações derradeiras, das evidências primeiras e certezas indiscutíveis, das edições definitivas do Logos filosófico, parecera-me estar renunciando a filosofar. Porque os filósofos da *hybris* me haviam conven-

cido a identificar a filosofia com o sonho de suas filosofias. A tomar o projeto da *hybris* como o projeto da filosofia, o seu Logos como o modelo do discurso filosófico. Eu me assumira criticamente como homem comum, eu reconhecera criticamente o Mundo comum e o primado da Vida. O fato de recusar-me a descrever essa minha postura com o vocabulário da filosofia me testemunhava agora que eu continuara a reconhecer implicitamente nos sacerdotes do Logos os representantes autorizados e exclusivos do empreendimento filosófico. A respeitar seu pretense direito ao monopólio da reflexão que se diz filosófica. Ou ao monopólio do uso correto e adequado da palavra "filosofia". E ocorreu-me que nada justificava fazer-se à palavra uma tal injustiça. Muitos dirão, talvez com razão, que se trata de uma mera questão de terminologia. Seja como for, a verdade é que decidi um dia assumir *filosoficamente* a minha não-filosofia, conferir cidadania filosófica à minha visão crítica de homem comum. Endossar *filosoficamente* suas implicações e seus pressupostos. As etapas de um itinerário pessoal que a ela tinham levado projetando-se, transmutadas, em ordens de argumentos. Nada mais proibindo-o de filosofar injustificadamente, o homem comum fez-se homem-filósofo, com simplicidade.

4. Confesso que não vejo outro caminho para uma sã filosofia. Não vejo outro ponto de partida senão o que consiste em assumir decididamente e sem rebuços aquela visão *comum* do Mundo, fazendo-lhe justiça. Mas ousar fazê-lo é desafiar toda uma tradição filosófica. É opor a uma filosofia de falsos deuses uma filosofia de homem, uma filosofia consciente de sua necessária humanidade. É reconhecer, desde o início, o primado do Mundo sobre o Logos. E, no Mundo dos homens, o primado da Vida, promovendo com brutalidade crítica a máxima vulgar e supostamente grosseira que nos ordena *primeiro viver, depois filosofar* à condição de expressão autêntica de um saber verdadeiro e profundo. Uma tal filosofia será insensível às tentações do idealismo. Entendo como idealista toda postura filosófica que privilegia o conhecimento sobre seu objeto, o pensamento e o discurso sobre as coisas e os fatos. Que faz da realidade do Mundo um problema e se condena a perdê-la, por não ter sabido *reconhecê-la*. A sombra idealista tem obscurecido secularmente a razão ocidental. O desprezo pelo Objeto e pelo Fato, no sentido forte e metafísico desses termos, tem sido o vício corruptor da filosofia moderna. Qual um paradigma oculto mas onipresente, que manifesta nos mais diversos domínios sua natureza proteiforme, o espírito idealista tem impregnado toda a nossa cultura. Projetos científicos inúmeros, por ele de algum modo afetados, têm visto assim comprometida sua desejada cientificidade. A negação idealista do Mundo culminou no culto abusivo da linguagem, que contamina uma tão grande parte do pensamento contemporâneo e ameaça esterilizá-lo. Uma consequência natural des-

sa atitude foi também o desprezo filosófico pelos problemas dos homens.

Uma filosofia que assume a visão *comum* do Mundo e nela se enraíza não se erige em instauração do Real. Não quer *editar* e *por*, mas contenta-se em *reconhecer* e *dizer*. Ela diz o Mundo que está aí, que o comum dos homens conhece e em que *todos* os homens vivem. É de que *todos* os homens falam, em seu discurso de todos os dias. Ela constrói-se como um projeto humano, irremediavelmente contingente e precário, de uma visão crítica e universal da Realidade que reconhece. O que necessariamente implica em assumir-se como segunda, em relação a um Mundo que vem primeiro. Uma tal filosofia obriga-se a confessar sua posterioridade. Desde o início, ela se faz tranquilamente metafísica, sem arrepiar-se de falsos pudores. O repúdio contemporâneo à metafísica é tão somente o fruto malsão de um espírito que pavoneia sua falsa positividade. Não encontro consistência numa filosofia carente de alicerces metafísicos, onde o discurso não explicita nem tematiza os seus próprios pressupostos. Ao assumir a visão *comum* do Mundo, o filósofo se comete a construir a metafísica que subjaz implícita ao discurso comum em que aquela visão se exprime. Não se trata, para ele, de recuperar o Mundo para a filosofia. Exatamente ao contrário, trata-se de recuperar a filosofia para o Mundo. Não creio haver outra maneira de prevenir-nos eficazmente contra os desvarios especulativos da má metafísica.

Trata-se de uma postura filosófica plenamente consciente de sua particularidade. Ela se sabe uma escolha primeira que se manifesta, desde o ponto de partida, como uma recusa deliberada, radical e drástica das posturas da *hybris* e do endeusamento do Logos. Nascida de uma meditação sobre as filosofias, não menos que de uma meditação sobre o Mundo, a decisão que instaura a nova filosofia é polêmica em sua mesma natureza e como tal se confessa. A nova filosofia integra-se no conflito das filosofias, sabendo-se originária de uma reflexão crítica sobre ele, cujo diagnóstico assume integralmente. Por isso mesmo, ela pode ousar sem ingenuidade, do interior de sua precariedade assumida e explicitamente tematizada, propor sua solução particular do conflito. Mas ela não pensa consumir a filosofia. Ela é uma filosofia sem *hybris*.

Buscando a Verdade (*alétheia*), ela se assume como Opinião (*dóxa*) e se pretende a Opinião verdadeira de um filósofo mortal, em desafio aberto à condenação parmenidiana. Porque o filósofo a crê verdadeira, como tal ele a propõe aos outros e argumenta por ela. Ele a propõe num discurso de homem-filósofo, que é o mesmo discurso cotidiano de todos os homens, apenas um pouco mais crítico e mais autoconsciente. E, do interior de sua *dóxa*, como tal confessada, ele se pronuncia sobre o Mundo e sobre as outras filosofias. Ele co-

nhece a precariedade de seu discurso, mas confia nele. De qualquer modo, não dispõe de outro. Ele o apresenta como um discurso, não como o Discurso. E o discurso será também autoreferente, tematizando-se autocriticamente, esclarecendo seu lugar no Mundo, dizendo sua posterioridade e sua dependência, a posterioridade e a dependência de todo discurso em relação ao Mundo. Quebrados os antigos laços, o Logos não mais é o Senhor, mas o escravo do filósofo. O filósofo confia no discurso filosófico porque soube sujeitá-lo ao Mundo.

A filosofia assume, então, com destemor, a sua contingência. Ela se reconhece, desde o início, *situada* no tempo e no espaço, proposta por um homem particular e numa linguagem particular. Ela faz conscientemente do *hic et nunc* o seu ponto de partida. Mas que outro ponto de partida haveria para o filosofar de um homem? Muitos há que parece não compreenderem que isso em nada desqualifica o empreendimento filosófico, em nada compromete sua busca da Verdade, precisamente quando e porque se assume a contingência sem ingenuidade, se reconhece a precariedade com espírito autocrítico. Muito ao contrário, o que viria a comprometer irremediavelmente a universalidade do projeto seria o esquecimento ingênuo da particularidade que nele também se exprime. Reconhecida a *situação* do empreendimento, daí não decorre então uma inadequação qualquer do discurso filosófico para a busca da Verdade e da Objetividade. Evidencia-se apenas a necessidade de continuamente cuidar por que a visão que obtemos do Mundo não seja viciada e deformada pela particularidade necessária de nossa perspectiva e dela não se torne uma mera projeção. A consciência da *situação* não justifica nenhum relativismo. Uma pretensa desqualificação da filosofia em virtude de seu caráter *situacional* é tão inaceitável e absurda quanto uma imaginária desqualificação e recusa, por motivos análogos, do discurso comum. Recusa e desqualificação impossíveis, que em verdade se desmentem, quando ele simplesmente se utiliza.

Isso dito, impõe-se nunca esquecer que filosofamos sempre de nosso ponto de vista. Eis porque entendo que propor uma filosofia é sempre algo como uma confissão. É contar aos homens de boa vontade uma estória de argumentos e idéias, que vieram organizar-se em nossa visão do Mundo. É dizer-lhes como entendemos superar os particularismos e limitações de nossa subjetividade, no anseio de apreender as coisas e os fatos sob um prisma universal e objetivo. A filosofia representará o esforço máximo de dessubjetivização de que somos capazes, ela será o lugar privilegiado do encontro crítico de nossa subjetividade com o Mundo objetivo. O paradoxo aparente está em que o caminho em direção à objetividade exige o reconhecimento de que estamos presos a uma subjetividade de que nunca poderemos escapar completamente. Não posso sair para fora de mim mesmo. Devê-lo-ia acaso? Reconhecer minhas limitações e as de meu discurso,

eis o único antídoto que possui contra os demônios do subjetivismo. Se isso se esquece, encerra-se o filósofo para sempre em sua subjetividade e seu discurso dogmático e pretensamente objetivo convete-se em mera expressão de sua paranóia inconsciente. Reconhecendo que a Verdade tem de ser sempre para mim o que assim me aparece, parecerá que não posso reconhecer outros juízes que não os do tribunal de minha razão. Mas, proclamando que não sou a medida das coisas e propondo-me a medir por elas o meu discurso, todo o meu empenho será por deixar o Mundo dizer-se nele, deixar a Verdade transparecer-me através dele, convertendo os juízes em testemunhas oculares.

A postura confessional parece-me um imperativo da racionalidade filosófica e crítica. Uma decorrência necessária da consciência de nossa finitude e da precariedade de nosso discurso filosófico. E ela encerra intrinsecamente um convite à crítica e ao diálogo. Diálogo e crítica externa desempenharão um papel importante na contenção desejável da subjetividade do filósofo, corrigindo deformações eventuais da perspectiva que assume. Testar-se-á assim a aceitabilidade da formulação proposta para o discurso que procura exprimir a visão *comum* do Mundo. Assumindo a postura confessional, o filósofo estará sempre disposto a rever suas formulações, a emendar o seu discurso. Não se trata, pois, de definir a objetividade pela intersubjetividade, mas de reconhecer o significado e o valor de esforços conjugados no sentido de encontrar-se a linguagem adequada à tarefa que se tem em vista. O filósofo, porém, não ignora a dificuldade de chegar-se a um diálogo autêntico.

Buscando o diálogo, o filósofo construirá seu discurso com simplicidade. Não recorrerá a termos esdrúxulos nem a um jargão complicado. Ele tem uma enorme desconfiança dos que falam difícil em filosofia. O linguajar ininteligível, no mais das vezes, apenas dissimula mal a confusão mental e a indigência filosófica. É o disfarce externo e verbal de um oco interior. O que não se pode dizer com clareza não se pode pensar. Nem há que buscar uma tradução, se não há nada a traduzir. Somente o tolo sente calafrios de admiração diante do discurso "filosófico" que escapa a toda compreensão. Não podendo alçar-se à inteligência do que lhe parece tão sublime e profundo, desconfia de si mesmo. Com razão, porque é tolo. Mas não há arcanos indizíveis em filosofia.

Senhor de seu discurso e intérprete de uma visão *comum* do Mundo, o filósofo se põe resolutamente a caminhar pelos campos da filosofia. Mas sua caminhada não é gratuita, porque foi longamente preparada na crise das aporias filosóficas e no silêncio da não-filosofia. É um caminhar simples e despreocupado ao encontro do Mundo. De uma simplicidade que é, talvez, o fruto de uma requintada sofisticação.

OSWALDO PORCHAT PEREIRA
UNICAMP